

A outra face da modernização de Santa Catarina: mazelas de catarinenses retratadas por Elaine Borges em *O Estado* (1972).

Isadora Muniz Vieira¹

Resumo: Este artigo objetiva analisar representações de Santa Catarina durante as transformações do jornalismo brasileiro, a nível nacional e local, a partir das matérias da jornalista gaúcha Elaine Borges para o jornal *O Estado*. Através de sua trajetória profissional, a jornalista criou narrativas sobre Santa Catarina em diferentes periódicos de circulação regional e nacional num contexto que o estado se modernizava e investia em turismo a partir de iniciativas públicas e privadas. No *O Estado*, diferentemente de outros periódicos, a jornalista abordou o momento de modernização catarinense por outro viés, dando maior atenção aos sujeitos pertencentes às classes sociais historicamente marginalizadas que continuaram excluídas durante o processo. Assim, a intenção é analisar as matérias publicadas pela jornalista no jornal de junho a outubro de 1972, percebendo de que forma a modernização do estado e os seus habitantes foram por ela representados.

Palavras-chave: História do Tempo Presente, jornalismo, Santa Catarina

The other side of Santa Catarina's modernization: problems of inhabitants of Santa Catarina portrayed by Elaine Borges in *O Estado* (1972).

Abstract: This article aims to analyze representations of the state of Santa Catarina during the transformations of the Brazilian journalism, at national and local level, from the journalist's articles Elaine Borges for the newspaper *O Estado*. Through her professional career, the journalist created narratives of Santa Catarina in different periodicals of regional and national circulation in a context that the state modernized itself and invested in tourism from public and private initiatives. In *O Estado*, unlike other periodicals, the journalist approached the moment of modernization of the state by another bias, giving more attention to the subjects belonging to the historically marginalized social classes that remained excluded during the process. Thus, the intention is to analyze the articles published by the journalist in the newspaper from June to October 1972, realizing how the modernization of the state and its inhabitants were represented by it.

Key-words: Present Time History, journalism, Santa Catarina

Artigo recebido em 19/09/2019 e aceito em 12/10/2019

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

Elaine Borges, repórter

As investigações que resultaram no presente artigo são uma parte constituinte da dissertação de mestrado^{II}, desenvolvida de agosto de 2017 a julho de 2019 com financiamento CAPES. Para o artigo, foi feito um recorte nas fontes a serem analisadas, sendo consideradas somente as matérias publicadas em 1972 no extinto jornal *O Estado* – criado em Florianópolis em 1915 e com circulação regional em Santa Catarina até sua extinção em 2009 – assinadas pela jornalista Elaine Borges. Nascida em 15 de julho de 1944 no município de Rosário do Sul, no Rio Grande do Sul, era filha de um padeiro e uma doméstica, que além de Elaine Borges tiveram mais três filhas e um filho. Durante o ensino secundário, Elaine Borges participou ativamente da União Rosariense dos Estudantes Secundários, que presidiu em 1963. Na URES viajou com outros estudantes para diversos municípios do interior do Rio Grande do Sul para debater política estudantil. Mudou-se para Porto Alegre com a família em 1964, aos vinte anos, onde iniciou o curso de jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que foi interrompido após entrar no mercado de trabalho. Na capital gaúcha, trabalhou como secretária e auxiliar de escritório, mas sua atuação na imprensa começou ao ser admitida pelo *Diário de Notícias* em 1969 como repórter estagiária, e depois no *O Globo* de março de 1970 a janeiro de 1972. Em 1972, mudou-se para Florianópolis, onde trabalhou como repórter no *O Estado* de junho a outubro. Embora sua passagem pelo periódico tenha sido breve, a temática de suas matérias diferenciava-se bastante dos textos escritos para outras empresas jornalísticas. Como repórter regional no *Estado de S. Paulo*, onde escreveu de 1974 a 1999, publicou textos relacionados ao turismo e à cultura de Florianópolis, além de acontecimentos significativos que tiveram a cidade como pano de fundo, como a Novembrada. Em outros jornais de circulação regional, como o *Jornal de Santa Catarina* e *Diário Catarinense*, Elaine Borges assinava as matérias e reportagens de cunho político, preocupadas sobretudo com disputas envolvendo os principais partidos e as personalidades de maior destaque de Santa Catarina, como a Aliança Renovadora Nacional e o Partido Social Democrático, e figuras como Jorge Bornhausen^{III}, Esperidião Amin^{IV} e Pedro Ivo Campos^V. Assim, os textos publicados nas páginas de *O Estado* são a exceção do trabalho jornalístico de Elaine Borges, mas que possuem grande valor se colocados na condição de fonte histórica para a investigação do processo de modernização que atingiu o país e Santa Catarina no começo dos anos 1970.

O jornal *O Estado*, fundado em 1915 em Florianópolis, era um jornal diário em formato *standart* (grande) e foi o pioneiro no alcance de todas regiões de Santa Catarina na década de 1970. O alcance foi uma resposta à inauguração, em Blumenau, do *Jornal de Santa Catarina*, em 1971, que contratou jornalistas do Rio Grande do Sul e instalou uma sucursal em Florianópolis. Foi criada então uma forte concorrência, e *O Estado* iniciou sua fase áurea a partir da implantação de sucursais em todas as regiões catarinenses e contratação de equipes de jornalistas formados em universidades e/ou com experiências em outras redações. A chegada da Rede Brasil Sul (RBS) em Santa Catarina em 1986 e a criação do *Diário Catarinense* modificaram o mercado jornalístico e se consolidaram como fortes concorrentes, abalando a estabilidade de *O Estado*, que veio a encerrar suas atividades em 2009.

Se comparado aos seis anos de atuação de Elaine Borges no *Jornal de Santa Catarina* (de 1972 a 1978), por exemplo, sua permanência de menos de um ano no *O Estado* em 1972 pode parecer e irrelevante para fins de pesquisa, mas a escolha do último em detrimento do primeiro foi

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

metodológica. Durante minhas pesquisas na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina para a dissertação, me debrucei sobre ambos os jornais, mas devido às próprias características do “Santa”, composto por muitos textos, a maioria sem a assinatura dos autores, ele foi deixado de lado por ora.

O trato com o jornal *O Estado* foi mais fácil, e já no primeiro mês em que a jornalista lá trabalhou encontrei uma extensa matéria assinada inteiramente por ela. Também considerei minha própria disponibilidade de tempo, visto que eu não poderia fazer uso de uma ferramenta de consulta e navegação digital, de forma que a pesquisa *in loco* na Biblioteca Pública exigiu um deslocamento e tempo maior de consulta^{VI}. Durante a pesquisa, encontrei um total de sete matérias assinadas por Elaine Borges.

Diferentemente das matérias publicadas no *Estadão*, cujo foco era o turismo e a cultura, as matérias que Elaine Borges escreveu para o impresso regional possuem como tema aglutinador a exclusão social. Deixou a paisagem e as belezas naturais da cidade de lado e mirou a câmera para os desprezados da sociedade, para os que ficaram à margem do processo de modernização de Santa Catarina, ou melhor, foram submetidos à uma outra face do processo. Não significa que *O Estado* não abordou a temática do turismo e da modernização que atravessava Florianópolis no começo da década de 1970. De fato, esses temas foram frequentes no jornal e já existem numerosos artigos e trabalhos científicos relacionados a esse conteúdo do jornal, mas Elaine Borges especificamente mirou em questões paralelas para compor suas reportagens.

Outra característica diferente de *O Estadão* diz respeito ao espaço ocupado pelo texto. Se no periódico de circulação nacional era comum que as palavras da repórter disputassem o espaço com textos de demais repórteres regionais e com variados anúncios publicitários, no *O Estado* a jornalista fez uso de páginas inteiras que dividiam espaço somente com as fotografias que dialogavam com seus textos. Em alguns casos, as matérias dividiram espaço com anúncios publicitários, mas que não eram grandes o suficiente para ofuscarem a matéria e tomarem a página para si.

De acordo com Darnton, é importante prestar atenção para a “maneira como trabalham os repórteres. O contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia, e as matérias também adquirem forma sob a influência técnicas herdadas de contar histórias.”^{VII}. De acordo com o autor, os historiadores e historiadoras precisam fazer o exercício de refletir sobre a inserção histórica dos jornais enquanto força viva da modernidade, que não apenas registra os acontecimentos, mas que participam ativamente dos processos, que agem na formação dos modos de vida e que têm grande importância na formação da consciência histórica.

Nesse sentido, pode-se refletir sobre as características do gênero reportagem que, a partir da década de 1960, ganha contornos diferentes. Segundo Faro^{VIII}, após 1964, a imprensa brasileira, especialmente a partir da reportagem, adotou um tom mais sensível a respeito do contexto político do país. Em conformidade com as manifestações artísticas e culturais, as reportagens assumiram discursos contestadores inspirados por um Estado autoritário cujas políticas econômicas impunham uma modernização conservadora^{IX}.

Para o autor, a produção jornalística ecoa algumas características das mudanças culturais no transcurso de sua história. Por isso, a imprensa é técnica; o jornalismo é discurso. Faro não nega que a ideia de objetividade da informação viu no desenvolvimento tecnológico um parceiro funcional importante, pois ele mesmo é discurso e ideologia.

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

Porm, ele parte da ideia de que a construção da reportagem relaciona-se a elementos discursivos externos ao universo da imprensa, de tal forma que as formas de reportar podem somente ser compreendidas se a análise se estender para as diferentes representações da “realidade” promovidas pela arte, pela sociologia e pela história.

É provável que a seja da própria natureza do processo de comunicação e de qualquer forma narrativa a impossibilidade de captura completa da realidade. Nesse sentido, a reportagem, por se pretender global, estaria fadada a ser uma prática associada à observação sociológica e à estética literária, já que estas, por sua autonomia de especulação que as constituem, como disciplina científica e como arte respectivamente, fornecem ao repórter os pontos que outros referenciais informativos habituais não possuem. A amostra mais consistente vem da série de “regras” seguidas pelo chamado *new journalism*^X, tendo no Brasil a revista *Realidade* como um modelo da relação entre a construção do texto jornalístico e o complexo das manifestações políticas e culturais que atravessavam o país e o mundo ocidentalizado. Não significa, contudo, que tenha existido uma influência direta entre os códigos narrativos do *new journalism* e a produção da *Realidade*, mas é presumível que os profissionais da revista tenham feito uso de certos elementos daquele código.

Tal qual a revista *Realidade*, é viável que os jornais que Elaine Borges trabalhou como repórter tenham empregado, em certa medida, o uso de elementos discursivos considerados próprios do do *new journalism*, abrindo mão da pretensa objetividade e imparcialidade em suas reportagens e dando aos repórteres certa autonomia para a elaboração de textos mais próximos de um estilo literário. No caso de *O Estado*, Elaine Borges adotou uma linguagem diferente da que é usualmente utilizada no jornalismo puramente informativo, pois é composta por certos “adornos”, como adjetivos e figuras de linguagem, de forma que até a pontuação força pausas na leitura para dar orientação a um certo sentido no texto. Outros elementos que aproximam suas reportagens de um jornalismo literário podem ser percebidos quando a jornalista inseriu em seus textos os diálogos e falas dos sujeitos da história, bem como as descrições minuciosas dos lugares e das pessoas que viu. Além disso, muitas vezes colocou-se como testemunha e descreveu até mesmo os sentimentos e emoções dos personagens reais de suas reportagens.

Modernização conservadora, modernização da imprensa e o jornal *O Estado*

Sobre a imprensa, é importante salientar que a sua caracterização empresarial se deu no início do século XX, que estruturando-se nos moldes capitalistas, atendeu as demandas da burguesia que tomou o poder com o fim da monarquia. Durante as disputas políticas que despontaram em diferentes cidades do país, a imprensa participou ativamente, influenciando e sendo influenciada pela pequena burguesia urbana. Em razão da insipiência do rádio no terceiro decênio do século XX, a imprensa era a principal arena das lutas eleitorais. Contudo, sua forte influência na cultura política não impediu que fosse prejudicada com a instalação do regime ditatorial do presidente Getúlio Vargas, em 1937, sofrendo censuras até o fim do Estado Novo em 1945^{XI}. De 1950 até o golpe civil-militar de 1964, os jornais voltam a ser personagens importantes da arena política, posicionando-se a respeito dos principais eventos, a exemplo do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, que a princípio defendeu a posse de João Goulart, mas apoiou o golpe

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

que o destitui dois anos depois. Passado algum tempo, o mesmo periódico passou a publicar as violações de direitos humanos do próprio regime que auxiliou a implantar anos antes^{XII}. Grandes mudanças no mercado jornalístico no Brasil foram feitas ao longo da ditadura militar, especialmente no que diz respeito à administração, que adotou um caráter ainda mais empresarial focado na competitividade. Por esse motivo, muitos jornais foram obrigados a modernizarem suas técnicas de apresentação gráfica e diagramação, o que necessitava maior investimento financeiro^{XIII}.

Já sobre o mercado jornalístico numa escala regional, é possível constatar ele acompanha a modernização de Santa Catarina. Florianópolis teve as primeiras três décadas do século XX atravessadas pelas significativas alterações do espaço físico, dos hábitos e dos costumes. A tão cobiçada modernidade republicana exigiu a derrubada de antigos casarões imperiais e o alargamento das ruas com inspiração nos *boulevards* franceses, além da instauração de projetos de higienização. No cotidiano, novas tecnologias passaram a ser usadas pela burguesia que podia usufruir alguns lazeres e comodidades, como os primeiros automóveis, o gramofone e máquinas de datilografia. Na capital, as primeiras redes de água encanada foram instaladas em 1909, e a iluminação pública e elétrica passou a jogar luz na cidade no ano seguinte. Já a rede de esgotos demorou um pouco mais, com obras iniciadas em 1913 que se estenderam até 1917. Dois anos depois, diversas áreas foram aterradas e drenadas, tendo início a construção da Avenida do Saneamento, hoje conhecida como Avenida Hercílio Luz^{XIV}.

Segundo Mata^{XV}, é neste momento de profundas mudanças urbanas que é fundado na capital o jornal *O Estado*, impresso diariamente e com circulação regional. De caráter popular, o jornal selecionava e publicizava notícias do cotidiano florianopolitano, cujo conteúdo era geralmente de cunho político, cultural, social, econômico, religioso e educacional. Sua primeira edição foi publicada numa quinta-feira, 13 de maio de 1915, com quatro páginas compostas por textos de fácil entendimento para a população alfabetizada da época. Foi impresso em oficina do próprio periódico, à época situada na Rua Jerônimo Coelho, nº 8, no centro de Florianópolis.

Portanto, os jornais, assim como demais veículos impressos, são resultado de uma criação social e histórica. *O Estado* teve sua configuração estabelecida através de negociações socioculturais conflituosas que acompanharam as mudanças da cidade e do estado em que circulava, de forma que o fazer jornalístico defendido no interior do impresso se alterou em diferentes momentos históricos. Heloisa de Faria Cruz, ao criticar alguns métodos de pesquisa que se debruçam sobre a imprensa, afirma que:

A história da imprensa é contada numa perspectiva linear que parece traçar uma reta de continuidade que une Gutemberg aos grandes conglomerados jornalísticos do presente. E mais: contada desse modo, a história da imprensa e dos meios de comunicação apresenta-se como momento derivado e paralelo, quando não, meramente acessório da grande história política ou social de nosso tempo.^{XVI}

De fato, os jornais circulam em Santa Catarina desde o século XIX, mas com mais força a partir do início do século XX. Eram impressos em Florianópolis, Joinville, Blumenau e demais municípios, mas nenhum deles circulava em cidades mais distantes de suas sedes. Esse alcance só se efetiva depois da década de 1970, sendo *O Estado* o pioneiro neste ponto. A ampliação do jornal

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

é uma tentativa de competir com o recém fundado *Jornal de Santa Catarina*, conhecido como o “Santa”, em 1971 em Blumenau. O jornal chegou ao mercado inovando em tecnologias, empregando jornalistas profissionais do Rio Grande do Sul e instalando uma sucursal na capital catarinense. Assim, para competir com o jornal recém chegado, *O Estado* implantou novas sucursais em diferentes regiões e profissionalizou a equipe, iniciando assim sua fase áurea. Diz-se que o jornal investiu em profissionalização porque até então era composto por pessoas cuja formação não era na área do jornalismo, portanto não possuíam experiência formal, e depois passou a assinar a carteira de profissionais com formação universitária e/ou que já haviam experienciado a função em outras redações^{XVII}. De 1969 até meados da década de 1970, houve um gradual rearranjo das redes cooperativas no meio cultural e a continuidade do processo de profissionalização dos jornalistas iniciado nos anos 1950^{XVIII}.

Em termos de tecnologia, *O Estado* investiu também numa moderna *off-set*, abandonando a rotoplana da antiga sede na Rua Conselheiro Mafra. Trocou-se o *gilete press* pelos telex e teletipo, de forma que não mais necessitava de outros veículos de comunicação para a escrita e a publicação de matérias nacionais e internacionais, pois já se contava com a produção de notícias atualizadas nas próprias agências daqui. Para as fotografias, buscou-se ir além das frequentes imagens de autoridades e personalidades influentes para ilustrar as matérias, visto que, *O Estado* passou a mostrar junto aos textos imagens com uso da telefoto, da radiofoto ou da foto produzida localmente^{XIX}.

Essa modernização da imprensa é concomitante ao período da ditadura militar conhecido por “milagre econômico”. O engenheiro Colombo Salles, após ser indicado pelo próprio regime militar, governou Santa Catarina de 1971 a 1975, o que, segundo Faccio^{XX}, garantiu-lhe significativa quantidade de recursos financeiros para instaurar as obras propostas. Segundo a autora, seu Plano de Governo, o “PCD – Projeto Catarinense de Desenvolvimento”, foi inspirado no I PND – I Plano Nacional de Desenvolvimento – do Governo Médici. Dessa forma, investimentos de infraestrutura urbana foram implantados na capital, como o Aterro da Baía Sul, a Ponte Colombo Salles e rodovias finalizadas em diferentes bairros. Lembrando que já existiam na cidade a UFSC, a UDESC e a ELETROSUL desde 1960, 1965 e 1969, respectivamente, instituições que fizeram crescer os números de servidores públicos, aumentando consequentemente a população da cidade, expandindo a malha urbana e a dinamizando a economia.

Elaine Borges fez parte de um processo de modernização que atingiu não somente Florianópolis, mas muitas outras cidades do país. Alterando sua dinâmica, a capital também serviu de cenário para alterações no mercado de trabalho, que no caso do jornalismo, estava cada vez mais profissional e preocupado com a formação de redações com capacitação na área. Ao tratar de Florianópolis numa perspectiva nacional, a repórter atendeu a demandas editoriais que objetivavam divulgar a cidade para o restante do país, incentivadas por empresas privadas e pela própria política pública da época, voltada para o investimento em turismo. No entanto, ao contar as histórias da cidade para ela mesma e para o restante do estado de Santa Catarina, a jornalista focou em sujeitos cujas posições sociais foram geradas justamente pelo projeto modernizador da ditadura militar, de caráter autoritário e exclusivo. Por essa razão, Florianópolis não apenas era uma capital de belezas naturais, mas de mazelas sociais que dizem muito a respeito dos projetos políticos de uma cidade, de um estado e de uma nação inteira.

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

Ao descrever as mazelas das quais era contemporânea, Elaine Borges narrou também um passado de tradição escravista baseado na raça que ainda não havia sido superado, além da questão da distribuição de terras que, desde a colonização, sempre esteve na pauta das políticas sociais. São mazelas sociais do passado, mas que se presentificam também a partir da leitura e da análise das matérias aqui selecionadas. Selecionar textos de jornalistas como fonte histórica possibilita aos historiadores o contato com uma documentação produzida por pessoas que podem ser consideradas testemunhas de um tempo, que a partir de suas próprias subjetividades, representaram aspectos da cultura e da sociedade da qual faziam parte. A própria formação social e intelectual de Elaine Borges dá indícios das escolhas de estilo e temática de suas matérias, para além de sua formação como jornalista. Assim, não somente as matérias da jornalista gaúcha aqui analisadas são de grande serventia para historiadores e historiadoras do tempo presente, mas de muitos outros jornalistas que de alguma forma representaram um passado a ser investigado pela pesquisa científica mais recente.

O ano de 1972, quando Borges publicou suas reportagens, foi marcado pelo otimismo em relação às mudanças que atravessava a capital catarinense. As maiores preocupações eram questões locais, a respeito da gestão pública ou da dificuldade de adaptação de algumas pessoas ao progresso da capital. Como o aumento na velocidade das experiências, próprio das metrópoles, ainda não causava preocupação, as formas de crescimento da cidade eram os principais fatores de preocupação. É justamente durante esse período que o jornal *O Estado* teve o seu auge, investindo na modernização da diagramação e adotando um formato semelhante ao que se fazia no restante do país, que se refletiram nas reportagens feitas na redação. Além de jornalistas profissionais de outras regiões, o jornal contratou em 1971 o colunista Beto Stodieck, que se consagrou como um dos principais nomes do periódico no seu período áureo. Sua presença, junto com a de outros jornalistas profissionais na redação instituíram o momento em que *O Estado* passou a ser visto como um impresso com tom menos político e mais informativo, objetivando uma profissionalização jornalística, ainda que fosse um jornal alinhado ao sistema político hegemônico e de existir censura à imprensa. Foi também no início da década de 1970 que a atividade jornalística se dava a partir da ideia de que jornalismo era um serviço público, que deveria atender aos interesses da comunidade e agir como intermediária entre a sociedade e os poderes políticos vigentes.

De maneira geral, nos jornais, “moderno” diz respeito ao que está na vanguarda, na moda, o que é contemporâneo, portanto, seria a oposição ao “velho” e ao ultrapassado. A própria modernização de *O Estado* é uma demarcação do momento em que obteve maior destaque, justamente no período em que o país vivia sob ditadura militar que impunha censuras aos meios de comunicação. Em suas páginas, o jornal defendia as premissas do antigo Partido Social Democrático na mesma medida em que defendia o moderno e a modernidade na cidade e no próprio jornalismo. Enaltecia-se a modificação urbana de Florianópolis, que trocava pouco a pouco o casario açoriano por prédios verticalizados na região central, ao mesmo tempo que permitia-se críticas a esse modelo, principalmente a partir das colunas do já citado Beto Stodieck, que salientava a relevância do patrimônio histórico e fazia comentários sarcásticos a respeito dos personagens da cena política e empresarial da capital. De acordo com Budde e Vaz^{XXI}, a presença de discursos contrários atesta uma forma de mostrar-se como um jornal plural, na mesma medida em que tinha o cuidado em não abrir mão das questões de maior interesse do regime autoritário e

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

da Aliança Renovadora Nacional, a qual fazia parte o ex-governador Aderbal Ramos da Silva, dono do jornal.

Nesse contexto que *O Estado* publicou a primeira matéria de Elaine Borges, em 10 de junho de 1972, sobre “As famílias que vivem do lixo”. A reportagem ocupou toda a primeira página do segundo caderno e as palavras dividiram espaço com cinco grandes fotografias de autoria de Orestes Araújo^{XXII}, que registraram a busca das crianças por restos de comida no lixão do bairro Itacorubi, sobrevoadas por urubus. As fotografias de Araújo não só ilustraram a matéria, mas narraram a seu modo a situação descrita por Elaine Borges de maneira textual:

Num ambiente quase absurdo, eles sobrevoam as cabeças dos pobres e desanimados que tiram da sujeira sua sobrevivência. Ao contrário da frase de Caetano Veloso – “os urubus voam sobre os girassóis” – ali o que existe mesmo é muita sujeira e uma fumaça que quase sufoca. Feios e agourentos voam sobre as cabeças das crianças do sub-distrito de Itacorubi, disputando com elas o lixo de cada dia – muitas vezes até o pão, um pão sujo, “o pão que o diabo amassou”. A briga é também dividida com as moscas, insetos irritantes que pousam na sujeira assim como pousam nas finas pernas das crianças catadoras de lixo. A briga varia de intensidade, dependendo do número de pessoas que resolvem tirar seu sustento do lixo jogado pelos caminhões da Prefeitura no depósito de Itacorubi, único na cidade.^{XXIII}

À época, o lixão do Itacorubi existia desde 1958 ao lado do cemitério do bairro, numa área de quase 12 hectares. Todavia, durante a primeira metade do século XX, o lixo de Florianópolis era incinerado próximo à Ponte Hercílio Luz, mas o grande aumento de material descartado causado pelo crescimento populacional fez com que a Prefeitura suspendesse o antigo forno e inaugurasse um lixão no manguezal. O despejo de materiais sólidos no mangue durante três décadas gerou mudanças físico-químicas enormes, até o lixão ser encerrado em 1990 após pressão de moradores.

Para tentar obter informações relativas ao número de famílias que buscavam resto de alimento e outros materiais no lixão, Elaine Borges recolheu depoimentos do vigia do local e das crianças que ali faziam a coleta. Segundo relatou o vigia, aproximadamente 40 pessoas, a maioria crianças, iam ao local cotidianamente. De acordo com o homem, elas só tinham autorização para catar no lixo pela madrugada, segundo ordem da Prefeitura preocupada com a segurança. Um menino disse ainda que o melhor horário para encontrar comida, era à uma hora, quando tinha mais pão. A repórter pontuou os nomes das pessoas que dali sobreviviam:

No meio da cata frenética, aparece o pequeno Emídio, dois anos, filho de Lourdes e Irineu – também catadores de lixo – que sabe seu papel e cumpre-o com seriedade e até brigando (quando a ocasião exige), como fez ao gritar com seu vizinho e companheiro de miséria: “heí, esse papelão é meu, não se meta”. Embora criança, a briga pela sobrevivência já é um fato em sua curta vida.^{XXIV}

O texto também salienta os perigos que a busca de objetos e restos de comida nos quais eram expostas as pessoas que ali frequentavam, mas que não as intimidavam. Elas trocavam o que

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

encontravam por alguns centavos e garantiam uma breve refeição, tirada do próprio lixão, ou também compravam um caderno para os filhos.

Por fim, a repórter sugeriu que o fato de o principal depósito de lixo do município estar situado numa área urbana seja resultado do rápido crescimento da cidade, de forma que as autoridades encontravam dificuldades em esconder as milhares de toneladas de resíduos. Como ficavam permanentemente expostas e ao céu aberto, estavam à disposição das famílias pobres.

A segunda matéria de Elaine Borges para *O Estado*, de 18 de junho de 1972, contava a história dos idosos da cidade a partir de uma reportagem que fez no Lar dos Idosos Irmão Erasto^{XXV}, na Cachoeira do Bom Jesus, e no Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim^{XXVI}. O texto, intitulado “À margem da vida, à espera da morte: velhinhos no asilo” relata as condições de vida de idosos pobres que não recebem apoio da família nem do Estado para se manter. Em matérias publicadas em outros periódicos, a jornalista narrou os idosos de Florianópolis como moradores “tradicionais” da Ilha de Santa Catarina, habitantes das praias e praticantes de atividades “antigas” como a pesca e a renda de bilro, mas na matéria aqui analisada Elaine Borges os descreveu como sujeitos discriminados em função da idade e excluídos socialmente, recebendo auxílio apenas dos asilos.

Equiparando-os às crianças em relação à necessidade de cuidados de terceiros, a jornalista descreveu a rotina dos idosos no asilo e incluiu, assim como na matéria anterior, relatos dos próprios sujeitos citados em seu texto.

Nos asilos os velhos – homens e mulheres – gastam seus dias. São como crianças, cheias de mimos e manhas. Às vezes chamam o Nelito³³ como se estivessem chamando o pai. Querem atenção e carinho. Exibem-se para as visitas. Encabuladas, colocam as enrugadas mãos na boca, tapando os escassos dentes que ainda lhes restam. É o derradeiro sinal de vaidade. Têm certa consciência do peso que eram para suas famílias. Como disse Maria Miquelina dos Santos, do Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim, “vim para cá porque não podia mais trabalhar e ninguém podia me sustentar”. Ou, como afirma Délia Vidal; “tenho parentes mas são pobres, não podem me sustentar. Afinal de contas, com essa idade – cerca de 70 anos – não posso mais trabalhar”.^{XXVII}

O excerto destacado evidencia a inexistente política pública de assistência aos idosos em Florianópolis e no Brasil de maneira geral durante os anos 1970. No país, questões a respeito ao cuidado com a população idosa surgem após a década de 1990, depois que se percebeu as profundas mudanças na pirâmide etária, que passou a indicar o envelhecimento da população^{XXVIII}. Fica evidente a exclusão dos idosos referenciados no texto do sistema previdenciário vigente da época, visto que não tinham aposentadoria ou outros recursos que os auxiliassem na manutenção de suas vidas.

Em consonância com o texto, quatro grandes fotos de idosas com os rostos cheio de rugas foram impressas na página. Uma delas é a idosa que tapou o sorriso com as mãos, conforme o trecho acima. É a única senhora que desviou o olhar, as outras três senhoras fotografadas encararam a câmera, mas apenas uma sorriu.

No texto de treze parágrafos, a jornalista mencionou nos quatro últimos os esforços do governo para lidar de forma mais eficiente com os idosos excluídos, como o incentivo ao emprego

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

para pessoas maiores de 35 anos, que para muitos empregadores já eram qualificadas incapazes de cumprir com tarefas pesadas. Também mencionou a opinião da Associação Brasileira de Gerontologia, que também salientou a necessidade da abertura do mercado para pessoas com mais de 35 anos, a luta contra o envelhecimento prematuro e criticou o preconceito com os idosos. Foram considerações bastante genéricas por parte do governo e da Associação, mas a repórter concluiu que enquanto nenhuma medida era tomada e não aparecia oportunidade, os idosos continuavam a passar as noites nos bancos das praças e os asilos continuavam selecionando rigorosamente as pessoas para abrigar.

Na capa, Elaine Borges apareceu pela primeira vez num domingo, 23 de julho de 1972. No centro da página havia uma fotografia de uma jovem mulher negra que segurava uma criança branca no colo. Os dois olhavam para a câmera. Abaixo, o título que dava nome à reportagem, “Empregadas mal-empregadas”, seguido dos parágrafos:

Uma classe que não tem consciência de classe e que talvez por isso mesmo seja a categoria profissional mais desprotegida: as empregadas domésticas. A maioria vem do interior, atraída pela cidade grande ou por dificuldades financeiras da família. São analfabetas ou semi-analfabetizadas. Quando despedidas, não têm direito ao aviso prévio. Simplesmente são postas no olho da rua, o que acontece invariavelmente quando ficam grávidas. Depois de nascer a criança, torna-se muito difícil conseguir emprego. Aí, o problema se agrava ainda mais. As patroas não querem saber de se “incomodar com os filhos dos outros”, mas não se lembram da imensa capacidade que as empregadas têm para amar as crianças das casas onde trabalham.^{XXIX}

O texto continua na página oito do caderno I, com a mesma mulher e a mesma criança na grande foto que acompanha o texto, que retoma algumas informações da capa, incluindo o conceito de consciência de classe^{XXX}.

Elaine Borges escreveu sem rodeios a respeito das condições de vida e trabalho das empregadas domésticas de Florianópolis, e já no segundo parágrafo afirmou que quando despedidas, as jovens prostituíam-se para se sustentar. Se engravidavam, davam à luz em condições precárias, e sem condições financeiras de manter as crianças, as davam para alguém “com papel passado e tudo”. Se o desespero fosse grande, as moças cometiam suicídio ou matavam os filhos abortando-os ou abandonando-os em terrenos distantes.

Explicou que a ocupação de empregada doméstica parecia provisória, pois as moças queriam conseguir empregos melhores no futuro e mudar a situação de vida. Como isso não ocorria, elas viviam uma vida de rejeição e silenciamento, morando com famílias que não eram as suas e cuidando de filhos que não eram as delas. Essa situação, segundo a repórter, era consequência da desilusão das moças ao chegarem na capital, onde queriam trabalhar como secretárias ou balconistas, o que não acontecia por sua pouca formação.

Mesmo que não atendessem às expectativas das patroas, as jovens domésticas serviam para o cuidado das crianças graças à “uma capacidade muito grande de amá-las, como se já estivessem saturadas de tanto amor recolhido”. Elaine Borges narrou a história de Rosa, possivelmente a jovem negra que serviu de modelo para a fotografia:

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

A Rosa é uma delas. Dezenove anos, morena, olhar sereno. Veio de Imbituba para Florianópolis tentar melhorar a vida. Aqui mora com os irmãos e trabalha de doméstica no apartamento de uma família que tem dois filhos. Rosa envolve-se com as crianças tanto, ou mais, que a mãe já fala nelas já com um grande carinho maternal. Embora já desiludida com a cidade grande, com a oportunidade de emprego que não veio, Rosa está estudando, à noite, pois um dia ainda “serei secretária”.^{XXXI}

Além de contar brevemente a história de Rosa, Elaine Borges pontuou que as moças que ganhavam CR\$150,00 por mês poderiam ser consideradas sortudas, visto que, em geral, recebiam bem menos do que esse valor, podendo somente fazer compras “pingadas” e pagar o aluguel do quartinho. A partir desses dados, a jornalista fez considerações sarcásticas a respeito das patroas que pagavam pelo serviço das moças:

E há quem as considera boas vidas, como disse aquela vaidosa senhora retocando as unhas no Instituto de Beleza (onde empregada é sempre assunto obrigatório): “Empregadas são sempre umas boas vidas. Pra ser boa tem que ser velha, preta, e que durma no emprego. Eu tinha uma mocinha que não queria nada com o trabalho e era bobagem insistir.” (...) Há senhoras desconfiadas que afirmam que “empregada assim é muito perigoso”. É essa mesma desconfiada senhora que tem um curioso princípio no tocante à empregadas domésticas, o de nunca ajudá-las no trabalho caseiro, “se a gente ajuda acaba trabalhando pra elas que ficam folgando”. Uma curiosa rede de informações funciona entre as donas-de-casa quando querem referência das moças. Comunicam-se com a vizinhança e, usando o princípio básico da comunicação, a informação verbal feita de boca em boca, descobrem o nada regular “curriculum vitae” das empregadas. A principal pergunta é esta: “São de confiança?”, o que implica em dizer, “posso deixar meus filhos com ela?” ou “ela não costuma praticar o conhecido roubo-formiga?”.^{XXXII}

Segundo a jornalista, essa forma de recomendação das empregadas ocorria em função da inexistência de agências de domésticas em Florianópolis, que já eram comuns em outras capitais. Por essa razão, era recorrente que as empregadas oferecessem seus serviços tocando todas as campanhas possíveis, além de serem privadas de direitos trabalhistas que as agências podiam facilitar.

Elaine Borges terminou o texto mencionando a peça “As criadas”, de Jean Genet^{XXXIII}, e as diversas maneiras que as empregadas domésticas foram retratadas pela mídia e pela cultura popular, sequenciando muitos adjetivos: amadas, odiadas, insubstituíveis, preguiçosas, carinhosas, indiscretas, prestimosas, rápidas, silenciosas, complicadas. Concluiu pontuando que, socialmente, são tão populares quanto desamparadas.

As empregadas domésticas que serviram de tema para a matéria de Elaine Borges estão inseridas num contexto em que o perfil do mercado de trabalho brasileiro começa a se formalizar, na medida em que grande parte dos trabalhadores industriais foram incorporados ao mercado formal, assim como significativa parcela dos trabalhadores do setor de serviços. Somado a isso, a urbanização contribuiu significativamente com a queda no número de trabalhadores rurais, que podiam ser classificados como “trabalhadores informais” ou que estavam inseridos em outras relações de trabalho que não envolviam práticas “contratuais” tradicionais. Todavia, a urbanização e a industrialização também contribuíram enormemente para a consolidação de uma massa de

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

trabalhadores em condição de subemprego, ou mal incorporados ao mercado de trabalho, como é o caso das empregadas domésticas vindas de cidades menores^{XXXIV}.

Não apenas as empregadas estamparam a capa de *O Estado* a partir do texto de Elaine Borges. Em 25 de agosto de 1972, na edição de sexta-feira, “O problema das migrações internas” intitulava o texto da jornalista a respeito dos trabalhadores rurais que estavam atrás de alternativas nas cidades, como Florianópolis. Tal qual a matéria anterior, a matéria em questão encontrava-se no centro da capa. Além do título e parágrafos introdutórios, havia uma fotografia retratando uma carroça de madeira, com casebres no plano de trás.

Continuando na página 8 do caderno I, o texto tratou das ilusões dos moradores das cidades rurais, na busca por melhores condições e as transformações urbanas na capital catarinense, consequência do êxodo rural.

Em consequência dessa busca – ilusória, em geral – a cidade cresce, engorda, e, sem planejamento urbano, ameaça explodir, com problemas de esgotos, de água, de habitação. Na sua periferia começam a proliferar habitações inumanas, barracos feitos de pedaços de tábuas, papelão, latas. Nas ruas da cidade surgem os mendigos. Homens, mulheres e crianças que, não tendo encontrado o sonhado emprego, começam a mendigar para sobreviver. Gente doente, subnutrida, caindo pelas sarjetas, pedindo, esmolando. Crianças que, com um tímido gesto pedem, indiretamente, licença para viver numa cidade que as rejeita^{XXXV}.

Não era um problema próprio de Santa Catarina, mas de vários outros estados do país, afirmou a jornalista. Ela citou os principais fatores que motivavam as migrações internas, como questões naturais da agricultura, alterações climáticas, a libertação da mão de obra no campo, e um interesse supostamente próprio da natureza humana pela migração. Mesmo encorajados por todos esses motivos, Elaine Borges explicou que grande parcela dos migrantes – a maioria vindos do nordeste – não conseguia fixar-se em nenhum endereço, tornando-se nômades.

Compondo sua matéria, a repórter incluiu declarações do então Secretário de Agricultura, Glauco Olinger^{XXXVI}, para quem tais as migrações ainda não se podiam ser vistas como motivo de preocupação. O problema na verdade, segundo o Secretário, era a saída de catarinenses para demais estados, ocasionando perda de força de trabalho. Olinger, segundo a repórter, afirmou que entre 1950 e 1960 muitos catarinenses migraram para o Paraná e que nos últimos anos estavam indo para Minas Gerais e para a Transamazônica.

Elaine Borges explicou que Santa Catarina, ao contrário de grande parte de outros estados, tinha uma população nômade que movia-se dentro do próprio estado, permanecendo na própria região, apenas mudando-se para a cidade. Para sustentar a informação, a jornalista exibiu dados de uma pesquisa feita pelo Departamento de Pesquisa da Fundação Educacional de Santa Catarina. Mesmo que a capital catarinense também chamasse a atenção das pessoas do meio rural, as principais cidades de destinos eram de Joinville, Itajaí, Blumenau, Lages, São Bento do Sul, Chapecó e Criciúma, em função do crescente processo de industrialização. No entanto, explicou a jornalista, os índices de desemprego nessas cidades aumentaram pois nem todos os migrantes conseguiam vagas nas indústrias, o que já preocupava as autoridades.

O movimento contrário também foi descrito pela repórter, no qual os pescadores de Santa Catarina migravam para outros estados durante o período da pesca da tainha. Após o fim da

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

abundância do peixe, voltavam para o estado de origem. Na sua ausência, a Florianópolis ficava habitada apenas pelas mulheres e crianças enquanto seus maridos tentavam tirar o sustento da pesca, que nem sempre era garantido.

Ela concluiu que mesmo que os movimentos migratórios fossem constantes no interior do estado, Santa Catarina ainda não havia se consolidado como polo de atração de pessoas de outros lugares. Na ocasião, com uma população de aproximadamente três milhões de habitantes, Santa Catarina era vista como pouco atraente, já que oferecia insuficientes oportunidades de trabalho. Todavia, se o estado ainda não podia ser qualificado como um centro polarizador e atraente para os migrantes, também não passava por problemas de evasão.

Da década de 1950 a 1980, o sucesso das políticas de industrialização de substituição de importação gerou nas cidades uma diversificação do mercado de trabalho, especialmente em São Paulo e depois no restante do Sudeste, no Sul, no Centro-Oeste e no Nordeste. Essa diversificação chamou a atenção das populações rurais, que passaram a mudar-se para as cidades^{xxxvii}. Tal êxodo rural teve desdobramentos, como os descritos pela matéria.

Ainda na lógica dos movimentos migratórios, a matéria de 10 de outubro de 1972 contou a história do primeiro grupo de catarinenses que foram para a Transamazônica. Na página 6 do caderno I, o texto “Partem os primeiros colonos de SC para a Transamazônica” descreveu os percalços das famílias de baixa renda que queriam novas oportunidades de trabalho e moradia a partir da construção da ferrovia. É a primeira matéria de uma sequência a respeito dos colonos na Transamazônica, tema que Elaine Borges acompanhou como enviada especial do *O Estado*.

A repórter contou sobre uma movimentação fora do comum no Aeroporto Hercílio Luz causada por “um punhado de gente humilde”, mais precisamente por 91 pessoas organizadas em 14 famílias que, nervosas, organizavam-se para viajar de avião pela primeira vez em suas vidas rumo à Altamira, no Pará. Os colonos receberam as vacinas necessárias ali mesmo no aeroporto, com a ajuda de funcionários do INCRA^{xxxviii}, que além da imunização lhes deram as últimas recomendações. A jornalista sublinhou a todo momento nos seus textos a simplicidade e certa ingenuidade dos colonos migrantes, seja pela sua maneira de falar, pelos modos e pelas características das famílias, sempre com muitos filhos.

Essas famílias, narrou, foram as primeiras de Santa Catarina escolhidas para o programa de colonização da região da Transamazônica. Oriundos em grande parte do oeste catarinense, foram retratados pela repórter como um pouco “desajeitados” e um tanto “desconfiados” em função dos muitos fotógrafos e curiosos que observavam seu embarque.

Mesmo apreensivos, relataram para repórter sua esperança no projeto de colonização:

Romildo Gazaniga de Oliveira, agricultor de 36 anos, natural de Caxambú do Sul, com sete filhos, dos quais dois gêmeos com apenas seis meses de idade, sorridente dizia a todos que “vendo meus quatro alqueires de terra para tentar a vida no Norte. Lá a gente sabe que vai trabalhar para si próprio e com orientação do INCRA, que vem nos auxiliando bastante”. Ao seu lado sua mulher, Terezinha, rodeada pelos filhos maiores, segurava os gêmeos esperando ansiosa a hora da partida. (...) Joaquim da Costa, 48 anos, nascido em Quilombo, um dos primeiros colonos a se inscrever no INCRA para integrar a primeira turma de catarinenses para a Transamazônica. Seu Costa, como era chamado por todos, tem a maior família do grupo: mulher e 11 filhos. Acha que com a ida para a Transamazônica vai melhorar muito, pois o local onde trabalhava já não oferecia mais condições para a exploração total da terra. Orfelino, 19 anos, um de seus filhos, esboçando largos

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

sorrisos, despedia-se de todo o pessoal do INCRA e dizia “Santa Catarina é muito bom, mas nós éramos apenas arrendados e o que sobrava era muito pouco. Acho que para onde vamos, com a terra sendo nossa, poderemos produzir mais, pois estão nos oferecendo boas condições de trabalho.”^{XXXIX}

A contar da partida de suas cidades no oeste catarinense até a chegada na capital, descreveu a repórter, as famílias colonas tiveram auxílio do INCRA para o transporte, alimentação e remédios. Isso até às 16 horas, hora do embarque, quando os colonos receberam suas fichas e dois comprimidos para náuseas.

Acerca da atuação do INCRA, Elaine Borges incluiu o depoimento do coordenador regional, cujo nome não consta na matéria, que explicou que as famílias permaneceriam em Altamira e que cada colono teria um lote de 100 hectares, dos quais 50 já desmatados. Receberiam ainda uma casa com quase 80 metros quadrados, a ser financiada em 20 anos, com juros. Os colonos contariam, nos oito primeiros meses, com um salário mínimo da região, até que as culturas de subsistência – milho, arroz, feijão, soja – pudessem ser colhidas. Uma outra opção de plantio seria algodão, mamona, cana de açúcar, amendoim e outras culturas da região. Metade dos hectares cedidos aos colonos seria reservado à fruticultura. Explicou também que os colonos poderiam contar com uma completa assistência técnica, médica e social. Teriam ainda o direito de selecionar o local onde preferiam de se fixar, às margens da Transamazônica ou nas agrovilas.

Glauco Olinger aparece novamente na matéria de Elaine Borges e, de acordo com a repórter, o Secretário estava presente durante o embarque dos colonos, e disse que nutria esperanças com a partida das famílias para “essa grande aventura”, comparando o evento às entradas e bandeiras. Afirmou também os catarinenses seriam os que dariam prestígio à atividade agropastoril do Brasil.

Um das questões prioritárias após o golpe de 1964 foi a ocupação da Amazônia. Com base numa doutrina de segurança nacional, o governo militar queria consolidar um projeto de modernização, acelerando uma grande reestruturação do país, incluindo a redistribuição territorial de investimento de mão-de-obra com forte controle social^{XL}.

Dessa forma, a rodovia BR-230, pensada nos anos 1960 e implementada pelo Programa de Integração Nacional (PIN) de julho de 1970, tinha como objetivo a integração, por via rodoviária, do Nordeste à Amazônia e o estabelecimento da colonização da área de influência da estrada com a exploração do número excedente da população nordestina. O processo foi conduzido baseado na frase do então presidente general Emílio Garrastazu Médici, “Homens sem terra para uma terra sem homens”.

Ouvindo o chamado do governo federal e atraídos pela chance de obter uma terra, milhares de brasileiros migraram para ocupar a região cujas aptidões e características eram ainda pouco conhecidas. Os investimentos do governo no planejamento e na instauração dos modelos de gestão do território amazônico tiveram inicialmente resultados positivos, especialmente em relação ao povoamento da área, que desde o início causou transformações significativas na paisagem antes às margens da rodovia^{XLI}.

A sequência da “aventura” dos catarinenses foi publicada na edição de 18 de outubro de 1972, na página 8 do caderno I. Elaine Borges deslocou-se junto dos colonos, embarcando no mesmo avião e permanecendo por alguns dias em Altamira, para reportar os primeiros contatos das famílias com a região. Dessa viagem, resultou o texto da matéria intitulada “Posse de terra, um

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

sonho que os colonos levaram para a Amazônia”. Após o título, duas fotografias dos catarinenses nos assentos do avião, e uma fotografia que capturou seu desembarque no Pará.

No texto, a repórter narrou desde o comportamento das famílias no interior da aeronave, suas impressões sobre a viagem e suas reações ao chegarem no destino. Enfatizou o entusiasmo de todos, que já não viam chances de continuarem morando nas cidades do oeste catarinense, onde eram criados, e nunca proprietários das terras. Por essa razão, o temido avião era um fator a ser relevado para que se conquistasse a liberdade. Joaquim, de acordo com a repórter, foi um dos colonos que afirmou que sua esposa não se abalou, pois “a véia nunca tinha visto avião mas veio que foi uma beleza!”^{XLII}.

Durante a viagem, recolheu os depoimentos esperançosos:

Para Flor Guarda, 27 anos, de Chapecó, o que motivou a mudança para a Transamazônica foram as entusiasmadas cartas “dos companheiros que já estão lá”. “Em Chapecó eu não tinha nada, trabalhava a meia pra eles (donos das terras).” Também Nísio Alves dos Santos, 34 anos, estava cansado de repartir o que achava podia ser seu: “Toda vida dependi deles. O negócio era botá o pé no mundo”. Mas a maior força da família vinha mesmo era de Lúcia, 42 anos, esposa de Nísio, que “não aguentava mais aquela vida e eu vinha nem que fosse a pé, pela estrada.” A gorda e simpática Verônica Matte, 43 anos, oito filhos só fazia rir durante todo o percurso da viagem. Era às vezes um riso nervoso, próprio de quem não sabe exatamente o que o espera daqui para a frente. Entre um riso e outro afirmava que “era gosto nós ir, lá a terra não era boa. Lá pode ser que dê. Tô contente de ir para lá. Só a viagem tá sendo mio ruinzinha”. O “ruinzinha” era porque uma das filhas havia enjoado. Das tristezas maiores, a pior era a do seu Joaquim, que lamentava não ter podido trazer a muda de erva que havia ficado no Aeroporto Hercílio Luz devido ao excesso de bagagem: “mas eles prometeram me mandar. Faz uma forcinha por lá e diz pra eles lá do INCRA que não passo sem meu chimarrão”.^{XLIII}

Motivados pela miséria, explicou Borges, os colonos desejavam principalmente a posse de um pedaço de terra. Ainda que num ambiente inóspito, com um clima muito diferente e distante de tudo que eram familiares, não hesitaram antes de embarcar na viagem sem volta. As primeiras desilusões, descreveu a repórter, foram as altas temperaturas e a poeira da rodovia. Mas por “enquanto tudo bem”, pois o INCRA já havia fornecido o primeiro pagamento para as despesas iniciais.

No dia seguinte, 19 de outubro de 1972, mais uma matéria publicada a respeito dos colonos. Na capa, uma fotografia de uma mulher e seus dois filhos, com as roupas secando no varal no plano atrás deles. Dessa vez, não está no centro na página, mas no canto inferior esquerdo. O pequeno texto introdutório, “mais catarinenses na Amazônia”, informou que mais um grupo de famílias iria embarcar num avião para Altamira.

Seguindo na página 6 do caderno I, mais relatos e descrições do dia-a-dia dos catarinenses em Altamira, já com algumas desilusões. A primeira foi em relação as precárias condições das provisórias casas chamadas de “Hospedarias”, onde as pessoas ficavam até erguerem suas casas nos lotes de terra que preferissem. Sob um chão de terra batida, os quartos tinham somente redes como camas. Além disso, o calor e os insetos incomodavam as mulheres e as crianças. As enfermidades eram também motivo de preocupação. Segundo Borges, algumas famílias migrantes de outros estados já haviam lidado com a perda de suas crianças que morreram de desidratação.

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

Porém os homens eram os mais motivados e já haviam começado a explorar o território à procura de lotes para o plantio e a construção de suas moradias.

A matéria era formada também por quatro fotografias que retratavam as cenas do dia-a-dia dos colonos nos lares provisórios: uma mulher amamentando sua filha com o magro seio, uma criança seminua segurando um prato de comida, duas mulheres cozinhando, e um amontoado de pessoas posando em frente ao posto médico próximo às hospedarias. Dessa vez, o texto e as fotografias dividiram a página com muitos anúncios publicitários, ocupando apenas a metade superior da folha.

Já o último texto da série acerca dos migrantes catarinenses foi publicado no dia 20 de outubro, na edição de sexta-feira, e apareceu na parte inferior da capa com o título “Admirável mundo novo”, abaixo de uma fotografia de uma mulher caminhando entre as instalações da hospedaria, erguendo um guarda-chuva aberto sobre sua cabeça. Os parágrafos introdutórios descreveram a surpresa dos catarinenses que lá passaram a morar com a rapidez das galinhas ao chocarem os primeiros ovos.

O assunto prossegue na página 8, dedicada integralmente aos dois textos e às nove fotografias de Elaine Borges. No primeiro texto, na metade superior da página, a repórter narrou os primeiros resultados da colonização, e no segundo, na metade inferior, deu descrições de Altamira, cidade “decadente” localizada no meio da Amazônia que serviu como o primeiro ponto de contato entre os colonos de outros estados e a região. Apesar de deteriorada, escreveu, as 13 mil pessoas que ali viviam tinham na Transamazônica a certeza de um futuro melhor para as famílias e a região, pois como o próprio título do primeiro texto sugeria, “A terra é boa e os frutos do trabalho já vêm sendo colhidos”.

Explicou que a diferença climática pegou de surpresa os colonos, habituados com outros ciclos de colheita e até com outra quantidade de dias necessários para as galinhas chocarem seus ovos. No entanto, os primeiros colonos a chegarem já estavam desfrutando dos lucros da venda da primeira safra. Graças ao sucesso do plantio, o Ministério da Agricultura já estava enviando suínos e bovinos para as famílias, que como todo o resto, seriam pagos com financiamentos pelo Banco do Brasil.

O maior problema retratado pela repórter era o ritmo acelerado de chegada de colonos se comparado ao ritmo das construções das casas, o que acabava por lotar as hospedarias e tornar a chegada das famílias um tanto caótica. No entanto, explicou, o projeto seguia e sua implantação seriam no período 1972 – 1974, com estabilização prevista para 1976. O objetivo principal era a integração das famílias à região e a elevação do padrão de vida. Mesmo tendo pontuado o sucesso inicial de alguns colonos, Elaine Borges concluiu o primeiro texto com a questão: “Será que vão conseguir?”.

No segundo texto, “Altamira, a cidade decadente”, a repórter narrou suas impressões sobre a cidade, que mesmo com 320.000 km², era pouco movimentada e carente de infraestrutura, como energia elétrica, água encanada e gás para os habitantes. Descreveu o aumento do custo de vida causado pela chegada dos “aventureiros”, coisa que já era motivo de reclamação dos moradores mais antigos. Antes ainda a cidade era ponto de passagem de caçadores que vendiam peles de felinos selvagens e aves vivas para colecionadores da fauna brasileira.

A repórter retratou também seus moradores como pessoas dotadas de um temperamento calmo e donos de uma beleza “selvagem”. Em seus textos anteriores, a repórter frequentemente

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

atribuiu a decepção inicial dos colonos à sua ideia romantizada da região, porém, a jornalista exprimiu, com seu último texto, que ela própria foi dominada por uma ideia de uma Amazônia selvagem, com habitantes silenciosos cuja índole foi supostamente herdada dos indígenas.

Elaine Borges não permaneceu como repórter em *O Estado* tempo suficiente para contar o restante da odisséia dos catarinenses em Altamira, sendo contratada pelo *Jornal de Santa Catarina* em novembro de 1972. A tentativa do regime militar de criar um núcleo produtor de alimentos na Amazônia para abastecer o país fracassou a partir da crise econômica da década 1970, que desencadeou o fim do modelo de colonização baseado na produção de culturas de subsistência^{XLIV}. A crise do petróleo de 1973 gerou a escassez de recursos para a colonização da região, causando o fracasso de muitos colonos em sua empreitada, a ponto de fazê-los partir da Transamazônica. O período de final de 1973 e começo de 1974 é paralelo à chegada de pequenos produtores rurais oriundos de outras regiões do Brasil, com grande tradição em agricultura e pecuária^{XLV}.

De qualquer forma, embora num cenário muito longínquo e distante de Florianópolis, a repórter deu bastante ênfase para as características humildes e a miséria social que faziam parte da vida dos catarinenses, que impossibilitados de possuir um lote próprio e muito menos de conseguir emprego na capital em processo de modernização, embarcaram na promessa do governo federal de uma vida com mais possibilidades.

Tempo Presente, história no gerúndio...

No decorrer do século XX, principalmente a partir de sua segunda metade, Santa Catarina atravessou profundas modificações. Modernizou-se, teve a paisagem urbana de sua capital modificada, que se tornou uma cidade turística e abriu as portas para muitas pessoas de outros lugares. O jornalismo fez parte dessas mudanças, investindo a partir da década de 1970 em novas tecnologias e em novos profissionais para compor suas redações.

Elaine Borges, como muitos jornalistas de sua geração, acompanhou e testemunhou o desenrolar dessa história do estado, fazendo parte dela como personagem dos novos capítulos da imprensa local, descrevendo o processo para o restante do país e para a própria região que passou a viver. Durante sua trajetória de vida, experienciou uma capital catarinense que ao mesmo tempo que mantinha um ar “paradisíaco” com seus atrativos naturais, mantinha um significativo crescimento urbano com a crescente construção civil. Embora fascinada pelas belezas naturais da Ilha, como muitas pessoas “de fora”, a jornalista experienciou principalmente

o movimento da região central de Florianópolis a partir da sociabilidade própria da profissão de jornalista. Além de vislumbrar-se com o que a Ilha oferecia de belo, Elaine Borges inquietou-se com as mazelas produzidas pelo próprio processo de modernização conservadora do país.

Como repórter, a jornalista descreveu com estilo próprio do gênero suas considerações sobre a regio. Os diferentes veículos em que a repórter publicou seus textos deram perspectivas diversas sobre o estado e sua capital, o que pode ser explicado pela própria intenção

do empresariado e das elites locais de estabelecer a cidade como destino turístico. Ainda que as reportagens do *Estadão* tenham demonstrado problemas próprios do processo de

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

modernização da capital catarinense, não deram a mesma ênfase que em *O Estado* ao publicar reportagens de Elaine Borges com forte cunho social.

Além dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Estado*, a jornalista também atuou no *Jornal de Santa Catarina*, *Bom Dia Domingo* e *Diário Catarinense*, neste último como editora de política. Suas matérias nesses periódicos faziam a cobertura política de Florianópolis e de Santa Catarina, e por terem uma temática tão diferente e por significarem outro momento da trajetória da jornalista, eles foram deixados de lado por ora. Para a discussão não ficar demasiada dispersa, o tema da política catarinense e a toda a discussão que um cargo como editora exige ficará para os próximos trabalhos.

É importante salientar que a presente artigo é somente uma contribuição para a historiografia que se debruça sobre as trajetórias de vida, a história do jornalismo e do estado de Santa Catarina numa perspectiva da História do Tempo Presente. Não é o objetivo nem a pretensão desse texto encerrar uma discussão que pode – e deve – ser realizadas por diferentes frentes, inclusive com a intenção de contestar o que aqui foi defendido, a quem julgar necessário. Embora crítico à ideia de uma História do Tempo Presente, Prost afirma que:

É próprio da história do tempo presente, e de uma história indissociavelmente social e cultural do tempo presente, mais ainda que de uma história política e econômica, ou de uma história de produções culturais, ser uma história manca, coxa, incompleta, inacabada. A maneira correta de fazer esta História não é tentar remediar este inacabamento, ou mascarar-la restabelecendo, por algum artifício, continuidades demasiado sedutoras que fariam o presente sair logicamente do passado. É assumir este próprio inacabamento, de trabalhar para pôr em relevo, da inadequação das representações às realidades sociais que elas pretendem dizer, a sua própria novidade^{XLVI}

Assim, o presente artigo não é capaz de contar a história das representações de Santa Catarina acerca das questões culturais e sociais que permeiam o estado, bem como seus personagens e suas trajetórias. Esse texto é incompleto se levado em conta que a história aqui narrada ainda não cessou. A imprensa segue produzindo representações sobre Santa Catarina, que ainda é permeada por conflitos identitários e por questões relacionadas ao seu desenvolvimento.

^I Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Mestra pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Este texto foi produzido com financiamento CAPES/DS.

^{II} A dissertação de mestrado é uma narrativa que objetiva explicar como Elaine Borges, jornalista gaúcha, atribuiu diferentes sentidos à cidade de Florianópolis a partir de documentos produzidos durante sua trajetória profissional, numa perspectiva local e nacional num contexto de início e fim do chamado “milagre econômico” em que a cidade voltou-se para turismo, a partir de investimentos públicos e privados. Para responder a essas questões, a jornalista foi considerada um sujeito-testemunha, que experienciou as transformações da cidade, participou delas e as representou com suas reportagens em diferentes periódicos de diferentes circulações. O trabalho não é biográfico, mas leva em consideração a trajetória de vida da jornalista para compreender contextos sociais, culturais e políticos dos quais ela era contemporânea.

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

-
- III Jorge Bornhausen é um advogado e político catarinense, pertencente a uma tradicional família do estado. Foi o 21.º Governador de Santa Catarina, de 15 de março de 1979 até 14 de maio de 1982, indicado pelo então presidente Ernesto Geisel. Durante sua trajetória política foi também duas vezes Senador por Santa Catarina e Ministro da Educação, de 14 de fevereiro de 1986 até 6 de outubro de 1987.
- IV É o atual Senador de Santa Catarina pelo Partido Progressista. Foi duas vezes Governador de Santa Catarina, de 1983 até de 1987 e de 1999 até 2002, pelo PDS e pelo PPR, respectivamente. Também foi duas vezes prefeito de Florianópolis, de 1975 até 1977 e de 1989 até 1990, pela ARENA e pelo PDS, respectivamente.
- V Foi governador do estado de Santa Catarina, de 15 de março de 1987 até a sua morte em 27 de fevereiro de 1990.
- VI A Hemeroteca Digital Catarinense é um projeto que disponibiliza em seu site uma grande quantidade do acervo documental de publicações periódicas que circularam em Santa Catarina, incluindo *O Estado*, mas a digitalização do jornal e sua divulgação vai até 1965, portanto antes do recorte temporal da pesquisa.
- VII A citação entre aspas está na página 109 de DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: **O beijo de Lamourette**, v. 6, n. 3, 1990.
- VIII FARO, José Salvador. **Tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Porto Alegre: ULBRA e AEG, 1999.
- IX O conceito de “modernização conservadora” refere-se às mudanças institucionais promovidas pelo regime ditatorial que, embora preocupadas com a modernização do país, não objetivavam alterar o status quo. Tal modernização conservadora deu certa continuidade às reformas propostas pelo presidente João Goulart, com exceção das políticas de distribuição de renda e de propriedade.
- X O *New Journalism*, ou Jornalismo Literário, é uma forma de fazer jornalismo iniciado na década de 1960, nos Estados Unidos. Caracteriza-se por fazer uso de um estilo mais literário na escrita das notícias, especialmente nas reportagens. O estilo literário se faz presente a partir de alguns elementos, como a valorização de adjetivos, extensas descrições dos lugares e pessoas, e inserção do autor no próprio texto, por exemplo. O *New Journalism* teve como principais nomes os jornalistas Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote.
- XI SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.
- XII GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- XIII RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lucia Maria Bastos; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone (orgs.). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 426-43
- XIV ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo, 1989. f. 17-18. Dissertação (Mestrado em História) PUC, São Paulo, 1989.
- XV MATA, Maria Margarete Sell da. **Jornal O ESTADO: uma história em construção. (1915-1931)**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- XVI A citação consta na página 257 de CRUZ; PEIXOTO, Maria Do Rosario da C. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História (PUCSP), v. 1, p. 22-38, 2008.
- XVII BUDDE, Leani. **Jornadas impressas: o Estado e Florianópolis - 1985 a 2009**. 2013. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- XVIII PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Z. As transformações do mundo dos jornalistas: a consolidação de novos valores profissionais a partir dos anos 1950. **Communicare**, São Paulo, v. 9, p. 75-83, 2009.
- XIX PEREIRA, Moacir. **Imprensa & poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1992. 172 p.
- XX FACCIO, Maria da Graça Agostinho et al. **O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis**. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- XXI BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. Jornalismo e ditadura em Florianópolis: sobre o jornal O Estado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 191-202, maio 2014. ISSN 1984-6924.

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

- XXII Fotorjornalista catarinense nascido em 1934 no município de Garopaba. A partir de 1972, com a modernização do *O Estado*, fez parte do primeiro grupo de fotorjornalistas de Florianópolis que pretendiam produzir fotografias que não apenas ilustrassem as matérias, mas que fossem tão informativas quanto os textos. Disponível em: <<http://www2.carosouvintes.org.br/pioneiros-do-fotojornalismo-orestes-araujo/>> Acesso em: 01/04/2019.
- XXIII BORGES, Elaine. As famílias que vivem do lixo. **O Estado**, Florianópolis, 10 jun. 1972. caderno II, p. 9.
- XXIV IDEM.
- XXV O Lar dos Idosos Irmão Erasto foi fundado em 1967, dez anos após a fundação da própria SERTE (Sociedade Espírita de Recuperação, Trabalho e Educação), responsável pelo abrigo dos idosos e pelo educandário que abriga crianças de 7 a 14 anos desde 1969, em regime de semi-internato. Disponível em: <<http://serte.org.br/>>. Acesso em 3 de maio de 2019.
- XXVI A entidade, criada por maçons e por católicos da Catedral Metropolitana em 1911 fez parte do processo de modernização e higienização de Florianópolis no começo do século XX, abrigando pedintes e moradores de rua. Existe até hoje na Avenida Mauro Ramos. Disponível em: <<https://asiloirmaojoaquim.org.br>> Acesso em 3 de maio de 2019.
- XXVII BORGES, Elaine. À margem da vida, à espera da morte: velhinhos no asilo. **O Estado**, Florianópolis, 18 jun. 1972. caderno I, p. 16
- XXVIII DOS SANTOS, Nayane Formiga et al. As políticas públicas voltadas ao idoso: melhoria da qualidade de vida ou reprivatização da velhice. **Revista FSA** (Centro Universitário Santo Agostinho), v. 10, n. 2, p. 358-371, 2013.
- XXIX BORGES, Elaine. Empregadas mal-empregadas. **O Estado**, Florianópolis, 23 jul. 1972. caderno I, p. 8.
- XXX MARX, Karl e ENGELS, Friederich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- XXXI BORGES, Elaine. Empregadas mal-empregadas. **O Estado**, Florianópolis, 23 jul. 1972. caderno I, p. 8.
- XXXII IDEM.
- XXXIII Poeta e dramaturgo francês. Nasceu em Paris em 19 de dezembro de 1910 e faleceu também na capital francesa, em 15 de abril de 1986. Filho de uma prostituta e homossexual, Genet fez parte de um grupo de intelectuais que incluía Jacques Derrida e Michel Foucault. Nas décadas finais de sua vida, militou em favor dos Panteras Negras e da causa Palestina.
- XXXIV NORONHA, Eduardo G. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.**, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 111-129, Outubro de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000300007>.
- XXXV BORGES, Elaine. O problema das migrações internas. **O Estado**, Florianópolis, 25 out. 1972. caderno I, p. 8
- XXXVI Engenheiro agrônomo, foi fundador da Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina, que mais tarde se transformou Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI. Também ocupou o cargo de Secretário da Agricultura e participou dos planejamentos dos governos de Celso Ramos, Ivo Silveira e Colombo Salles.
- XXXVII ALVES, E. R. de A. SOUZA, G. da S. e MARRA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de política Agrícola**, Brasília, ano 20, n. 2, pag. 80-88, Abr./Maio./Jun./2011
- XXXVIII Criado pelo Decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) é uma autarquia federal, cujo trabalho consiste na execução da reforma agrária e da realização do ordenamento fundiário nacional.
- XXXIX BORGES, Elaine. Partem os primeiros colonos de SC para a Transamazônica. **O Estado**, Florianópolis, 10 out. 1972. caderno I, p. 6.
- XL BECKER, Bertha. K. **Amazônia**. São Paulo: Ed. Atica, 1991.
- XLI VENTURIERI, Alice. **A dinâmica da ocupação pioneira na rodovia Transamazônica: uma abordagem de modelos de paisagem**. 167 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2003.
- XLII BORGES, Elaine. Posse de terra, um sonho que os colonos levaram para a Amazônia. **O Estado**, Florianópolis, 18 out. 1972. caderno I, p. 8

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

^{XLIII} IDEM.

^{XLIV} VENTURIERI, Alice. **A dinâmica da ocupação pioneira na rodovia Transamazônica: uma abordagem de modelos de paisagem**. 167 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2003.

^{XLV} PANDOLFO, C. **Amazônia Brasileira: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras**. Belém: Cejup, 1994.

^{XLVI} Essa citação de Antoine Prost consta na página 262 de ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

REFERÊNCIAS

Impressas

BORGES, Elaine. À margem da vida, à espera da morte: velhinhos no asilo. **O Estado**, Florianópolis, 18 jun. 1972. caderno I, p. 16.

_____. Admirável mundo novo. **O Estado**, Florianópolis, 20 out. 1972. caderno I, p. 8.

_____. As famílias que vivem do lixo. **O Estado**, Florianópolis, 10 jun. 1972. caderno II, p. 9.

_____. Empregadas mal-empregadas. **O Estado**, Florianópolis, 23 jul. 1972. caderno I, p. 8

_____. O problema das migrações internas. **O Estado**, Florianópolis, 25 out. 1972. caderno I, p. 8.

_____. Partem os primeiros colonos de SC para a Transamazônica. **O Estado**, Florianópolis, 10 out. 1972. caderno I, p. 6.

_____. Posse de terra, um sonho que os colonos levaram para a Amazônia. **O Estado**, Florianópolis, 18 out. 1972. caderno I, p. 8.

Artigos, livros e textos acadêmicos

ARAÚJO, Hermetes Reis De. **A Invenção Do Litoral: Reformas Urbanas E Reajustamento Social Em Florianópolis Na Primeira República**. São Paulo, 1989. F. 17-18. Dissertação (mestrado Em História) PUC, São Paulo, 1989.

BECKER, Bertha. K. **Amazônia**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

BUDDE, Leani. **Jornadas Impressas: O Estado E Florianópolis - 1985 A 2009**. 2013. Tese. (doutorado Em Ciências Humanas) – Universidade Federal De Santa Catarina.

BUDDE, Leani; VAZ, Alexandre Fernandez. Jornalismo e ditadura em Florianópolis: sobre o jornal O Estado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 191-202, maio 2014. ISSN 1984-6924.

CRUZ; PEIXOTO, Maria Do Rosario da C. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História (PUCSP)**, v. 1, p. 22-38, 2008.

DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: **O beijo de Lamourette**, v. 6, n. 3, 1990.

Boletim Historiar, vol.06, n.03, Jul./Set. 2019, p. 59-80 | <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

A OUTRA FACE DA MODERNIZAÇÃO DE SANTA CATARINA: MAZELAS DE CATARINENES RETRATADAS POR ELAINE BORGES EM *O ESTADO*

ISADORA MUNIZ VIEIRA

-
- DOS SANTOS, Nayane Formiga Et Al. As Políticas Públicas Voltadas Ao Idoso: Melhoria Da Qualidade De Vida Ou Reprivatização Da Velhice. **Revista Fsa** (centro Universitário Santo Agostinho), V. 10, N. 2, P. 358-371, 2013.
- FACCIO, Maria Da Graça Agostinho Et Al. **O Estado E A Transformação Do Espaço Urbano: A Expansão Do Estado Nas Décadas De 60 E 70 E Os Impactos No Espaço Urbano De Florianópolis**. 1997. Dissertação (mestrado Em Geografia) – Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis.
- FARO, José Salvador. **Tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Porto Alegre: ULBRA e AEG, 1999.
- GASPARI, E. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Cia Das Letras, 2002.
- MARX, Karl, ENGELS, Friederich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MATA, Maria Margarete Sell Da. **Jornal O Estado: Uma História Em Construção. (1915-1931)**. Dissertação (mestrado Em História) – Centro De Filosofia E Ciências Humanas, Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- NORONHA, Eduardo G. "Informal", Ilegal, Injusto: Percepções Do Mercado De Trabalho No Brasil. **Revista Brasileira De Ciências Sociais.**, São Paulo, V. 18, N. 53, P. 111-129, Outubro De 2003. Disponível Em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-69092003000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso Em 08 De Maio De 2019. [Http://Dx.Doi.Org/10.1590/S0102-69092003000300007](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000300007).
- PANDOLFO, C. **Amazônia Brasileira: Ocupação, Desenvolvimento E Perspectivas Atuais E Futuras**. Belém: Cejup, 1994.
- PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Z. As Transformações Do Mundo Dos Jornalistas: A Consolidação De Novos Valores Profissionais A Partir Dos Anos 1950. **Communicare**, São Paulo, V. 9, P. 75-83, 2009.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa & Poder: A Comunicação Em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense De Cultura, 1992. 172 P.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Modernização E Concentração: A Imprensa Carioca Nos Anos 1950-1970. In: Neves, Lucia Maria Bastos; Morel, Marco; Ferreira, Tânia Maria Bessone (orgs.). **História E Imprensa: Representações Culturais E Práticas De Poder**. Rio De Janeiro: Dp&A; Faperj, 2006. P. 426-43.
- ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV, 2016.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História Da Imprensa No Brasil**. 4ª Ed. Rio De Janeiro, Mauad, 1999.
- VENTURIERI, Alice. **A Dinâmica Da Ocupação Pioneira Na Rodovia Transamazônica: Uma Abordagem De Modelos De Paisagem**. 167 F. Tese (doutorado Em Geografia) - Instituto De Geociências E Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2003.